

# ARTE, uma nova forma de VIDA, ou de SOBREVIVÊNCIA



*Há quem afirme que os artesãos, pintores, escultores e outros profissionais ligados às artes estão em vias de extinção, porém, os algarvios e estrangeiros aqui residentes fazem crer o contrário. Um pouco por toda a região, realizam-se feiras e exposições, onde criadores e público convivem e transacionam as suas peças. No mês de Dezembro, a ExpoAlgarve foi o palco escolhido para a segunda edição da «Arte Algarve», reunindo neste equipamento de Loulé mais de 70 artistas de toda a região com o propósito de dar a conhecer os seus trabalhos e técnicas plásticas. Uma semana depois, realizou-se a «Artenova», em Ferragudo e, volvidos mais sete dias, foi a vez de Loulé receber a «Feira da Serra». Tratam-se de iniciativas que não pretendem ser uma concorrência às galerias tradicionais, mas sim uma forma de chegar mais depressa ao público interessado em arte, sejam portugueses ou estrangeiros, mas o retorno financeiro nem sempre compensa as despesas com a participação nos eventos.*

Reportagem **João Pina**

O Pavilhão do NERA, em Loulé, recebeu mais uma edição da ARTE ALGARVE, de 29 de Novembro a 1 de Dezembro e, entre os muitos artistas que ali exibiram os seus trabalhos, a ALGARVE MAIS encontrou um velho conhecido, José Freire, natural da Beira Baixa, mais propriamente do Fundão, contudo, o sentimento era de alguma desilusão. **“Criaram-se grandes expectativas e, embora estivessem cá mais expositores do que esperava, o público não aderiu, menos ainda se falarmos em visitantes nacionais. A maior parte dos que por cá passaram são estrangeiros, o que denota a pouca apetência dos portugueses para investir ou gastar dinheiro em arte”,** analisa este apaixonado pelos mosaicos e azulejos, que está bem consciente da crise económica que o país atravessa. **“A ideia era que, associando-se a feira**

**à proximidade da quadra natalícia, as pessoas poderiam comprar aqui as suas prendas, mas tenho a impressão que as vendas destes 77 expositores - traduzidas em mais de um milhão de peças - não são significativas”.**

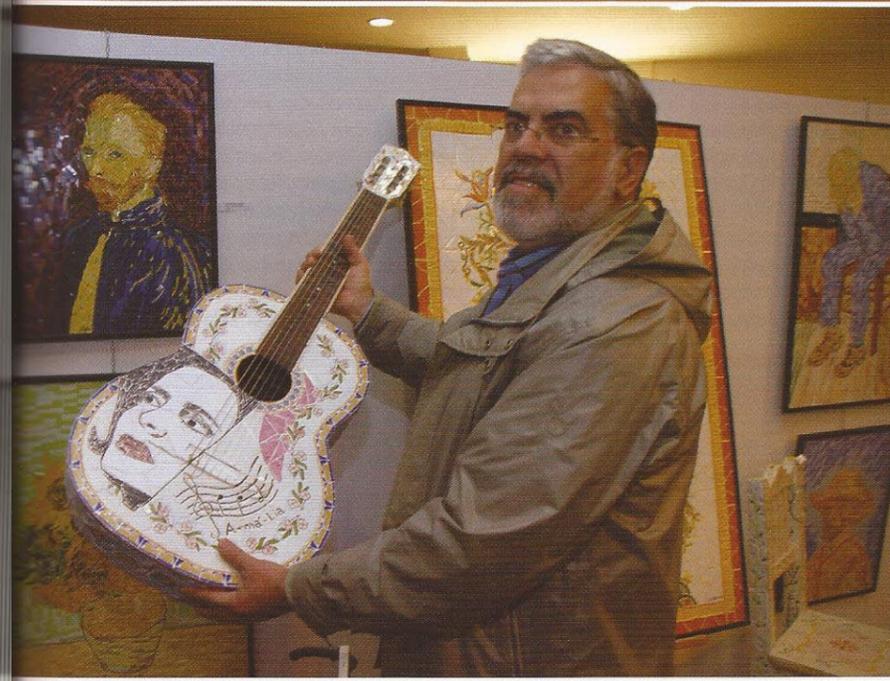
Com um estilo bem característico à base do azulejo alicatado, nem José Freire consegue contabilizar o número de pequenos pedaços que compõem cada um dos trabalhos. **“É quase impossível contá-las, devem ser umas centenas largas, para não dizer milhares, depende de cada peça, mas tem sido bastante apreciado, especialmente pelos alemães”,** refere o artista, acrescentando que não há uma única gota de tinta nas suas obras. **“O que se observa é a tonalidade dos próprios azulejos que eu adiquiro, que são de uma enorme variedade, para conseguir produzir estes painéis. É tudo cortado à base do alicate,**

**daí chamar-se técnica alicatada, apesar de existirem outras ferramentas que facilitam esta tarefa”,** garante, falando de um forma de criar que tem aperfeiçoado ao longo de duas décadas, como auto-didacta.

O resultado deste esforço e empenho na inovação e diferença são quadros, painéis e peças tridimensionais decorativas, uma verdadeira arquitectura em azulejo através da qual recria pinturas e desenhos de artistas célebres, para além dos seus próprios originais. **“Primeiro que tudo faço o esboço e depois começo a idealizar as cores e as expressões. Quanto aos azulejos, inicialmente comprava nas lojas de materiais de construção mas, actualmente, as minhas necessidades evoluíram e são praticamente todos feitos em olarias”,** indica o beirão de 63 anos, já reformado do sector bancário, enquanto

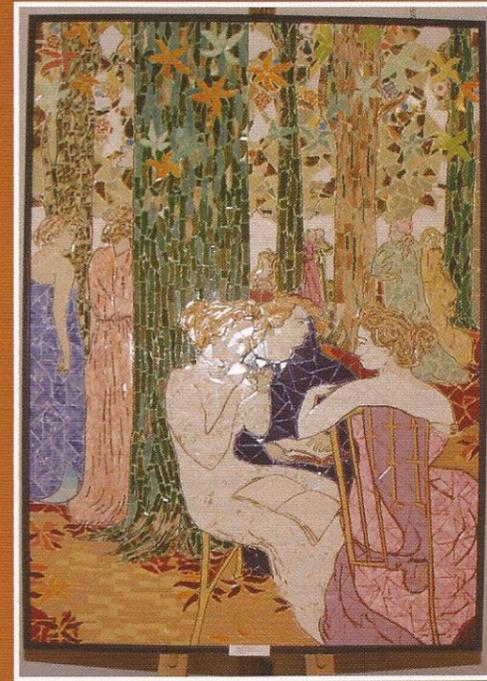


José Freire exhibe alguns dos seus trabalhos



**rugos e no olhar da pastora idosa. “De facto, as minhas obras, devido à sua morosidade e minuciosidade, são caras”.**

Continuando a percorrer a exposição de José Freire, três senhoras conversavam numa tela, uma tricotando e outra lendo, à imagem de um quadro de um pintor francês. **“Quis exprimir uma paisagem tipo da Mata de Sintra, em que há pessoas sentadas no primeiro plano e outras, ao fundo, numas lides amorosas, digamos assim. Já vários turistas se aperceberam desse aspecto”,** sublinha, perante uma tela de 1,20m por 90 centímetros, que pode demorar dois meses e meio a concluir, desde os primeiros desenhos até se cortar os azulejos e trabalhá-los. **“Normalmente, dedico 12 a 14 horas às peças e, quando as coisas estão a correr bem, só paro quando estou a chegar à parte final”,** frisa, enquanto os olhares caem sobre uma imagem de D. Quixote e Sancho Pança, baseado num quadro feito a lápis preto e branco por Pablo Picasso. **“Dei-lhe um cunho**



nos mostrava uma pianista à boa moda antiga. **“Tem sido uma das peças mais elogiadas, o que me surpreendeu, porque até parece que os azulejos foram colocados ao calhas, de forma atabalhoada. Todavia, visto de uma certa dimensão, transporta-nos aos anos 20”.**

Ao lado vislumbrava-se uma pastora com o seu rebanho de ovelhas, que nasceu a partir de uma fotografia que chegou às mãos de José Freire e que de imediato lhe despertou a atenção. **“As ovelhas vêm-se ao longe como que numa planície e tive a sorte de encontrar um azulejo malhado que me dá precisamente essas tonalidades. Hoje, se calhar já não conseguia fazer esta peça”,** admite o entrevistado, sempre atento aos pormenores, como se perspectiva nas

**personal para o adaptar à minha técnica, porque é evidente que está bastante diferente do original. Mesmo assim, a matriz é a mesma, tanto que este é a terceira versão. O primeiro foi comprado por um espanhol, um segundo por um gerente de um banco”.**

Como se adivinha, é bastante difícil, quase impossível, para José Freire repetir uma peça aos mínimos detalhes, pelo que cada uma é única. **“Em primeiro lugar, os azulejos são pintados à mão, por isso, é complicado fazer outros exactamente iguais passados alguns dias ou semanas. Depois, há ainda aqueles que são restos de azulejos produzidos há vários anos e que já não se encontram. Finalmente, o próprio punho muda com o tempo”,** esclarece José Freire,

apontando para um quadro alusivo ao Natal, nomeadamente um coro, em que não falta sequer um cão a cantar, podendo ver-se quase os movimentos dos lábios à medida que as palavras vão saindo.

Noutra secção está colocado um homem de idade avançada, pensativo, à lareira, recordando a sua vida passada e imaginando o que lhe reserva o futuro. Num auto-retrato de Van Gogh são perceptíveis milhares de pedacinhos de azulejo e o célebre bordado de Castelo Branco - «A Árvore da Vida» - também não foi esquecido. **“São todos feitos ainda hoje em seda natural e bordado sobre linho natural e quis-me associar a esta arte secular, que está a ser novamente dinamizada pela autarquia local e pelo presidente António**

Barão, depois de ter estado muitos anos adormecida”, destaca o amante de música, assim se percebendo a homenagem a Amália Rodrigues exposta na Arte Algarve, bem perto de um manequim versão frente e verso. **“Na frente com um desenho clássico e, atrás, com traços da arte contemporânea, com formas geométricas, decorações e flores”**, descreve.

Numa mostra de arte em que grande parte dos expositores eram estrangeiros, José Freire quis deixar bem vincada a cultura e tradicionais lusitanas

e, assim sendo, não podia ter ficado de fora Fernando Pessoa, um dos escritores e portas mais afamados do país. **“Quem tem conhecimentos de literatura reconhece-o imediatamente”**, assume, revelando, mesmo a propósito, o desejo de fazer uma exposição na Fundação Fernando Pessoa. Outro projecto que abraçaria prontamente seria a realização de vitrais para igrejas à base de azulejos. **“Era um prémio para o meu percurso e dedicação, apesar de dizer sempre que não trabalho por encomenda. O que faço é por prazer**

e por pensar que terá algum impacto”.

Se bem que a ideia dos vitrais não lhe passe pela cabeça no momento, José Freire revela que já têm surgido pedidos para peças específicas, dando o exemplo do que sucedeu no Natal de 2008. **“O administrador de uma empresa viu uma das minhas exposições e comprou-me seis «Fernando Pessoa's» para oferecer aos melhores clientes. Claro que é gratificante quando isto acontece, até porque, segundo me disse posteriormente, a receptividade foi extraordinária”**.

## Aumentar o interesse pela arte

Rolf Osang é o mentor da Arte Algarve, certame que vai na sua segunda edição, e o balanço que faz é bastante positivo, apesar de se querer sempre mais visitantes. **“Estiveram cá centenas de pessoas interessadas por arte e não daquelas que estão aborrecidas e entram apenas para ver o que se passa. Para além disso, a arte aqui é muito mais barata do que nas galerias, o que é importante para quem pretende comprar”**, frisa o entrevistado, no último dia do evento. **“Querem conhecer os artistas, conversam sobre os estilos e ficam com os contactos, não é algo que termina hoje. Não se trata de uma experiência de três dias mas sim de uma entrada directa no mercado de quem gosta de arte”**. De referir que a primeira Arte Algarve decorreu igualmente na ExpoAlgarve no NERA, em Loulé, em Junho e contou com cerca de 60 participantes e 45 stands. **“Foi algo novo e espectacular e cresceu imenso no espaço de meses, garantindo uma variedade enorme e que não se encontra noutra sítio de Portugal”**.

Face ao crescimento que o certame conheceu em tão pouco tempo, o organizador equaciona já a possibilidade de mudança de local, caso o número de artistas aumente. **“É algo que ficaremos a saber em poucas semanas, porque muitos deles já manifestaram vontade de voltar a participar. De qualquer modo, a feira passará a ser anual, pois deve ser o clímax de toda a actividade artística do ano, o ponto mais importante, concentrado em Junho”**, antevê Rolf Osang, sublinhando que a intenção não é fazer concorrência às galerias tradicionais. **“A nossa filosofia é aumentar o interesse pela arte e isso também traz benefícios para esses espaços. O mercado tem que ser mais importante, porque os artistas precisam vender ao longo do ano”**. O empresário lamenta, contudo, que este certame não colhe apoios das entidades oficiais e até o pavilhão do NERA foi alugado às custas da organização. **“Não ganhamos nada com isto, mas acreditamos que, amanhã ou depois, teremos o nosso retorno”**.

Francisco Rousseau, antigo bailarino da Fundação Calouste Gulbenkian, iniciou-se nas artes plásticas em 2001 e apresentou

um trabalho misto de técnicas de colagens, acrílicos, pastéis e tecidos. **“Quando dançava já fazia algumas coisas. Depois da reforma, o hobby tornou-se mais sério”**, revela, acrescentando que não está neste meio por motivos financeiros, caso contrário, «morria à fome». **“É uma forma de nos sentirmos úteis e criadores”**, justifica, rodeado de quadros repletos de movimento, expressivos e cheios de cor e texturas ricas.

Curiosamente, ao contrário de muitos colegas, Fernando Rousseau não perde tempo com desenhos ou esboços, partindo logo para a tela em branco, colocando formas e vendo o que lhe agrada. Talvez por isso, pense que os seus clientes são pessoas com uma sensibilidade especial. **“Não há aqui paisagens ou figuras humanas, são coisas abstractas que podem originar várias leituras e, cada vez que se olha, percebe algo**

diferente. É preciso descobrir o que lhe interessa”, frisa o alentejano, natural de Beja, que apareceu na Arte Algarve por intermédio de uma pintora amiga que expos na primeira edição.

Analisando a sua participação, Rousseau garante que foi positiva e que os resultados financeiros deram para cobrir as despesas de deslocação, muito embora só tenha vendido um quadro. **“No próximo estarei cá igualmente e, mesmo que não tivesse vendido nada, teria sido uma boa experiência. Conheci pessoas novas e o convívio foi agradável”**, enaltece este homem que se mudou da dança para a pintura. **“A diferença é que, como bailarino, fui apenas intérprete. Nunca criei nenhum bailado, não era coreógrafo ou professor, fazia aquilo que me davam para fazer. Nesta arte, já sou o criador e isso dá-me um prazer enorme, um prestígio próprio. As opiniões das pessoas contam bastante, mesmo**



Rolf Osang é o mentor da Arte Algarve